



Uma Libras ou muitas Libras? Apontamentos sociolinguísticos sobre línguas de sinais no Brasil

One Libras or many Libras? Sociolinguistic notes on sign languages in Brazil

Diego BARBOSA DA SILVA^{*}

RESUMO: Como toda língua, a Libras, língua brasileira de sinais, está sujeita a diversas formas de variação: diatópica, diacrônica, diafásica, diastrática e diaétnica. Entretanto, observamos uma outra forma relacionada ao contato de duas línguas, no caso a Libras e o Português: a variação diaglössica (Monteagudo, 2011). Neste artigo, partindo da história da emergência da Libras desde a fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), analisamos o seu contato com o Português e como essa relação entre línguas produziu variedades diaglössicas, com maiores ou menores influências de cada uma dessas línguas. Considerando o conceito de *continuum* linguístico e analisando diversos trabalhos relacionados ao contato entre essas duas línguas, levantamos e elencamos algumas características dos dois extremos de um *continuum* diaglössico, um com maior influência do Português e menor da Libras e outro maior influência da Libras e menor do Português. Foi observado, então, que nesse primeiro extremo do *continuum* estaria uma variedade próxima ao Português Sinalizado com mais empréstimos da língua portuguesa, maior uso de datilologia e de *mouthing*, além da linearidade, o que resultaria em uma menor utilização de sinais incorporados. Já na outra extremidade, a com variedades mais próximas da Libras, entre elas a Libras emancipada, haveria maior uso da simultaneidade e da espacialidade, além de mais expressões faciais e corporais, classificadores e soletração rítmica. Buscamos com este trabalho, reforçar a existência de muitas variedades da Libras e mostrar que essas variedades diaglössicas são resultados da diversidade própria da(s) comunidade(s) Surda(s). A heterogeneidade é uma característica intrínseca às línguas, e a Libras não é exceção. É fundamental combater o preconceito linguístico e a discriminação contra essas variedades, reconhecendo a riqueza e a diversidade da Libras. Afinal, todas essas variedades apresentam gramáticas complexas e completas e fazem parte da expressão da(s) cultura(s) e da(s) identidade(s) Surda(s) no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Contato linguístico. Línguas de sinais. Libras emancipada. Português Sinalizado.

ABSTRACT: Like every language, Libras, Brazilian sign language, is subject to several forms of variation: diatopic, diachronic, diaphasic, diastratic and diaethnic. However, we observed another form related to the contact of two languages, in this case Libras and Portuguese: the diaglössic variation (Monteagudo, 2011). In this paper, based on the history of the emergence

* Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ – Brasil. vsjd@uol.com.br

of Libras since the founding of the National Institute of Education for the Deaf (INES), I analyze its contact with Portuguese and how this relationship between languages produced diagglossic varieties, with more and less influences from each of these languages. Considering the concept of linguistic *continuum*, and analyzing several works related to the contact between these two languages, I survey and list some characteristics of the two extremes of this diagglossic *continuum*, one with more influence from Portuguese and less influence from Libras and the other with more influence from Libras and less influence from Portuguese. It was observed, then, that at this first extreme of the *continuum* there would be a variety close to Signed Portuguese with more borrowings from the Portuguese language, more use of fingering and mouthing, in addition to linearity, which would result in less use of incorporated signs. At the other extremes, with varieties closer to Libras, including emancipated Libras, there would be more use of simultaneity and spatiality, in addition to more facial and body expressions, classifiers and rhythmic spelling. With this work, I seek to reinforce the existence of many varieties of Libras and to show that these diagglossic varieties are the result of the diversity inherent to the Deaf community(ies). Heterogeneity is an intrinsic characteristic of languages, and Libras is no exception. It is essential to combat linguistic prejudice and discrimination against these varieties, recognizing the richness and diversity of Libras. After all, all these varieties present complex and complete grammars and are part of the expression of Deaf culture(s) and identity(ies) in Brazil.

KEYWORDS: Linguistic variation. Language contact. Sign languages. Emancipated Libras. Signalized Portuguese.

Artigo recebido em: 20.02.2024

Artigo aprovado em: 19.02.2025

1 Introdução

A Libras, língua brasileira de sinais, é a principal língua de sinais falada no Brasil. E como toda língua natural, está sujeita à variação como nos demonstra a sociolinguística¹. Monteagudo (2011, p. 16) destaca duas novidades trazidas por essa área da linguística há algumas décadas. A primeira, que “as línguas constituem sistemas abertos, heterogêneos e dinâmicos, mais redefiníveis como sistemas de sistemas (polissistemas); rompe-se assim com a tradicional visão das línguas como entidades discretas e homogêneas, estruturas estáticas e fechadas”. E a segunda, que “as características de abertura, heterogeneidade e dinamismo dos sistemas linguísticos não constituem um obstáculo para o seu funcionamento na comunicação, pelo

¹ Caso você seja um leitor de primeira viagem no tema das línguas de sinais, recomendamos a leitura de Gesser (2015), que desfaz uma série de mitos sobre as línguas de sinais, como a de que seria uma língua universal ou a de que seria uma língua derivada da oralidade.

contrário, respondem ao caráter internamente diversificado, perpetuamente mutável e externamente interconectado das comunidades de falantes”. As línguas, assim, estão sempre em transformação, sendo a heterogeneidade a regra, enquanto a homogeneidade linguística só existiria a partir de uma ação humana, uma ação política².

A diversidade linguística da Libras já foi tema de muitas pesquisas. Sobre as variedades regionais, ou diatópicas, destacando a língua sinalizada em estados como Goiás, Ceará, Paraíba, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina, temos Temóteo (2008), Brito *et al.* (2011), Diniz (2011), Andrade (2013), Dantas (2018), Espíndola (2018) e Moraes (2018). Sobre a variação entre gerações de sinalizantes, ou diacrônica, temos Schmitt (2013) e Silva (2014). Sobre a variação diafásica, aquela relacionada ao contexto de uso, temos Silva (2013)³.

No entanto, temos observado que há espaço para novas pesquisas, sobretudo considerando uma outra forma de variação, intersistêmica, entre línguas a partir do nível de contato. O objetivo de nossa pesquisa, assim, por meio de análise bibliográfica,

² Quando mencionamos uma ação política, referimo-nos, por exemplo, à homogeneidade marcada, inclusive, na Lei nº 10.436/2002, que dispõe sobre a Libras, quando afirma: “Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas Surdas do Brasil” (grifos nossos). Nessa norma, podemos observar que se declara “a” língua como se fosse uma só, não mencionando a sua variedade. Mas isso tem um motivo. O povo Surdo no Brasil lutou durante décadas pelo reconhecimento de uma língua de sinais no Brasil. Para que conquistasse seu direito linguístico, seria importante e necessário que naquele momento para o fortalecimento da Libras, se afirmasse que a língua falada pelos Surdos em todo o país fosse a mesma. Passados mais de vinte anos de publicação da lei, é chegada a hora de pesquisarmos mais e difundirmos mais a heterogeneidade da Libras e esse é um dos objetivos desse artigo.

³ Cabe mencionar também a diversidade linguística das línguas de sinais no Brasil, para além da Libras. Embora não seja muito difundido, o Brasil tem dezenas de línguas de sinais em seu território, algumas delas indígenas como a língua de sinais Urubu-Kaapor, no Maranhão; a língua de sinais Sateré-Mawé, no Amazonas; a língua de sinais Kaingang, em Santa Catarina; a língua de sinais Terena, no Mato Grosso do Sul; a língua de sinais Pataxó, na Bahia; e outras locais como a língua de sinais conhecida como “Cena”, de Várzea Queimada (PI); a língua de sinais de Ilha do Marajó, no Pará; a língua de sinais “Acenos”, de Cruzeiro do Sul (AC); e a língua de sinais de Caiçara, em Várzea Alegre (CE). Essas são apenas algumas já identificadas, mas muitas já apresentam estudos linguísticos como pode ser visto em Quadros (2019, p. 31-32); Silva e Quadros (2019) e Gomes e Vilhalva (2021).

é levantar a hipótese da existência de variedades de contato entre a Libras e o Português que muitas vezes são estigmatizadas dentro da(s) própria(s) comunidade(s) Surda(s) no Brasil.

Para isso, na primeira seção deste trabalho, mostramos como a história da emergência de uma língua de sinais nacional no Brasil é marcada pelo contato com a língua portuguesa falada no país, algo bastante comum para qualquer língua. Em sequência, exploramos como esse fenômeno é abordado nas produções bibliográficas da área da (socio)linguística das línguas de sinais e como podemos considerá-lo uma forma de variação. Na segunda seção, apresentamos, a partir de descrições realizadas por diversos autores, as características linguísticas que podem ser observadas dessas variedades de contato entre a Libras e o Português.

2 Libras: uma(s) língua(s) em contato

Como mencionamos, a heterogeneidade é uma característica própria dos sistemas linguísticos, e isso pressupõe também o contato entre línguas. As línguas e os povos sempre estão em contato e com isso recebem influências que podem modificar a gramática, a pronúncia, mas principalmente o léxico das línguas.

O contato, entretanto, para povos e comunidades Surdos tem uma dimensão ainda maior, pois aproximadamente 95% dos sujeitos Surdos nascem em famílias ouvintes (Quadros, 1997). Isso faz com que esses sujeitos sejam expostos a uma língua oral e tenham que conviver pelo menos com duas línguas desde criança: uma de sinais, que pode ser uma língua caseira, local, indígena ou mesmo uma nacional como a Libras e uma língua oral, na modalidade escrita, que pode também ser indígena, imigrante ou nacional, como o Português Brasileiro. Aqueles que nascem em famílias Surdas no Brasil logo estarão também em contato com uma língua oral na modalidade escrita para ter acesso a serviços e produtos, uma vez que apesar de a legislação garantir, infelizmente, ainda não são oferecidos em Libras.

Além desse contato natural entre povos e comunidades Surdos com povos e comunidades ouvintes, algumas línguas de sinais sofreram influências de línguas orais ao longo da história. A Libras, como outras línguas de sinais nacionais, se desenvolveu com a fundação de uma escola de Surdos, ou seja, com o surgimento de espaços institucionais de reunião e convivência de sujeitos Surdos. Afinal, como nos mostra Woll, Sutton-Spence e Elton (2001, p. 12), “toda língua necessita de uma comunidade de usuários, e toda língua de sinais necessita de uma comunidade Surda. E uma comunidade Surda só existe com uma alta concentração de Surdos” em um mesmo local (tradução nossa)⁴.

Podemos, assim, considerar como marco de surgimento da Libras a fundação do Instituto Imperial de Surdos-Mudos (atual Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES), em 1857, no Rio de Janeiro. A Libras emergiu, dessa maneira, da convivência cotidiana entre Surdas e Surdos brasileiros no INES, que se comunicavam por meio de uma sinalização já utilizada por eles⁵ e que passou a contar com forte influência da língua de sinais francesa, trazida pelo fundador e primeiro diretor do INES, o professor Surdo francês E. Huet (Rocha, 2008)⁶.

Sobre as décadas iniciais no INES, Santos e Sofiato (2020) atestam a inexistência de um apoio formal para a institucionalização da Libras. As autoras ponderam que, ainda que “os sinais não fossem proibidos (no INES), também não eram reconhecidos no processo educacional do Surdo, tendo em vista que não faziam parte do currículo”

⁴ Por conta disso, compreendemos a importância das tecnologias atuais, que proporcionam filmagem de forma rápida e simples, bem como as de vídeochamadas, que são capazes de reunir comunidades Surdas dispersas por um mesmo território, colaborando assim para o desenvolvimento e expansão de uma língua de sinais nacional.

⁵ Ainda que não tenhamos registros do uso de sinais antes da chegada de Huet (Diniz, 2011, p. 30), é possível prever a existência de pequenas comunidades Surdas locais sinalizantes uma vez que a língua de sinais é a língua natural os Surdos.

⁶ Adam (2012, p. 854) nos apresenta uma relação interessante entre educação, colonização linguística e as línguas de sinais, ao refletir que muitos professores europeus de Surdos ao viajarem pelo mundo nos séculos XIX e XX ensinando línguas de sinais europeias, acabaram influenciando no desenvolvimento de diversas línguas de sinais ao redor do mundo. Atualmente, algo semelhante ocorre com a língua de sinais americana, que tem se espalhado por diversas partes, para além dos Estados Unidos, como para o Caribe e para a África Ocidental.

(Santos; Sofiato, 2020, p. 8). Contudo, embora não tivessem reconhecido o seu *status* de língua, durante o século XIX, no INES encontraram um espaço de desenvolvimento e circulação, que pode ser comprovado tanto nos relatórios do diretor Tobias Leite (Santos, 2018; Santos; Sofiato, 2020), quanto pela publicação da obra *Iconographia dos signaes dos Surdos-mudos*, de Flausino da Gama, de 1875.

O INES, como única instituição de ensino de Surdos no país por muitos anos, foi, assim, o responsável por garantir certa unidade⁷ na Libras, a língua de sinais nacional do Brasil. O colégio recebia alunos Surdos de todo o país⁸, que após se formarem, retornavam às províncias/estados e repassavam o conhecimento que aprenderam e a língua de sinais. Assim, foi construída a Libras, mas sem apagar a própria diversidade natural da língua.

Ao longo dos anos, contudo, o desenvolvimento da Libras foi abalado pelo ouvintismo, após o Congresso de Milão, em 1880. Nessa ocasião, reunidos na Itália,

⁷ Woll, Sutton-Spence e Elton (2001, p. 14) afirmam que a ideia de construção de uma língua de sinais nacional está relacionada à ideologia nacionalista de uma língua oral por nação. Entretanto, a existência de colégios únicos para os Surdos foi fundamental para que tivéssemos uma língua de sinais nacional, com menos variedades, como vimos no Brasil, e como houve ao contrário em diversos outros países. Schermer (2016, p. 282) afirma que na Itália, a inexistência de um centro único de educação nacional de Surdos fez com que, devido ao baixo contato entre os Surdos de todo o país, surgissem variedades da língua de sinais, no sul, no centro e no norte da Itália. Nos Estados Unidos, a segregação racial não permitia que alunos Surdos negros estudassem na mesma escola que alunos Surdos brancos, o que produziu por lá, duas variedades distintas da língua de sinais americana, com base étnica (Schermer, 2016, p. 285). Já a separação de meninos e meninas em escolas distintas na Argentina, na Espanha e na Irlanda produziu variedades baseadas no gênero na língua de sinais argentina, na língua de sinais espanhola e na língua de sinais irlandesa (Woll; Sutton-Spence; Elton, 2001, p. 14; Massone; Martínez, 2015; Schermer, 2016, p. 285; Schermer; Pfau, 2016, p. 304). No Brasil, o INES, inicialmente era uma instituição mista, para estudantes de ambos os sexos, o que não era comum na época. Posteriormente, durante a gestão de Tobias Leite, o INES parou de receber meninas Surdas, que passaram a ser educadas em suas residências. As meninas retornaram à instituição apenas em 1932, na gestão de Armando Paiva Lacerda (Rocha, 2008, p. 43). Ainda que as meninas ficassem mais de 50 anos fora do INES, no período, não houve a fundação de uma instituição de ensino para elas com a criação de uma comunidade Surda de meninas, o que conseqüentemente, não fez emergir uma variedade na Libras, com base no gênero, como ocorreu em outros países.

⁸ Inicialmente, o INES, devido a sua baixa infraestrutura, foi inaugurado com apenas 19 alunos, do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, bancados com subvenção pública (Rocha, 2008, p. 32-34). Posteriormente, temos registros de expansão de seu corpo discente. Quase cem anos depois de sua fundação, Rocha (2008, p. 108) mostra que o INES formou de 1951 a 1961, 524 professores primários especializados para educação de Surdos, advindos de 20 estados.

ouvintes decidiram que o melhor método de ensino para Surdos seria aquele que transmitisse uma língua oral, ainda que essa não fosse a primeira língua desses sujeitos. Assim, Surdos foram expostos ao português constantemente por décadas, principalmente na modalidade oral. E durante quase cem anos, as línguas de sinais foram proibidas, combatidas e não estimuladas, resistindo em encontros de Surdos, que se recusaram a aboli-la (Diniz, 2011, p. 27).

Ann, analisando a história das línguas de sinais, afirma que elas foram e ainda são

muitas vezes oprimidas por falantes de línguas orais. Por exemplo, as línguas de sinais podem ser impedidas de se desenvolver em primeiro lugar porque os Surdos sinalizadores são impedidos de estabelecer uma comunidade. Mesmo quando existem línguas de sinais, seu *status* como línguas reais pode ser questionado ou podem não ser incentivadas ou mesmo permitidas em escolas para Surdos. As línguas de sinais e as línguas orais raramente são iguais na comunidade ouvinte mais ampla: os ouvintes preferem as línguas orais. Mas entre os membros de algumas comunidades Surdas, como nos EUA, as línguas de sinais como a língua de sinais americana (ASL) são profundamente adotadas, enquanto as línguas faladas como o Inglês, não desfrutam desse *status* (Ann, 2001, p. 34, tradução nossa).

E concluiu que nessa situação, “é compreensível, então, que muitas pessoas achem inquietante a ideia de que o Inglês influenciaria a ASL no sentido político, embora, no sentido linguístico, seja natural e esperado que seja esse o caso” (tradução nossa) (Ann, 2001, p. 34).

Toda essa situação de opressão só começou a mudar com os estudos de William Stokoe, nos anos 1960, quando se comprova que as línguas de sinais são línguas naturais com os mesmos princípios das línguas orais. Ainda assim, a mudança não ocorreu de forma imediata. Nos anos 1970, acompanhamos o surgimento da Comunicação Total, um novo método de ensino que a partir do fracasso puramente do ensino de línguas orais na modalidade falada para a população Surda, adaptava a

ideologia ouvintista de forma a utilizar as línguas de sinais como uma ferramenta para a oralização do Surdo.

Esse ambiente multilíngue em que naturalmente se inserem os povos e comunidades Surdos, todo esse percurso histórico, de imposição da língua portuguesa aos Surdos brasileiros, e o não reconhecimento do Brasil até os dias de hoje pela sociedade como um país multilíngue, fez com que se potencializasse o contato entre as duas línguas, permitindo que surgissem variedades da Libras a partir do nível de influência e contato do Português sobre a Libras.

Monteagudo (2011, p. 24) nos apresenta esse tipo de variação em contraste com os outros tipos do fenômeno variacionista mais conhecidos. Eis as categorias:

1. Intrassistêmica

1.1. Usuário: sociodialeto

1.1.1. Diatópica (território): dialeto (...)

1.1.2. Diastrática (sociedade): socioleto

1.2 Uso: registro (comunicativo-funcional)

1.2.1. Diafásica

1.2.1.1. Especializada: tecnoleto

1.2.1.2. Formalidade: estilo

1.2.2. Diamésica (meio): modalidade

2. Intersistêmica ou diaglössica: interleto

A maioria dessas categorias, como podemos observar, tem características intrassistêmicas, isto é, são variações relacionadas a uma mesma língua, com duas divisões com focos distintos, uma no usuário e outra no uso. Na primeira, estariam a variação diatópica e a diastrática, e na segunda, a diafásica seja ela técnica, como o juridiquês ou a de registro, formal ou informal, ou ainda a diamésica relacionadas com as distinções existentes entre a modalidade escrita e a falada. Muitas dessas variações, no caso da Libras, já foram estudadas, como apontamos no início deste trabalho. A última categoria, no entanto, se encaixa naquilo que estamos pensando, em uma

variação intersistêmica que ocorre a partir do contato entre duas ou mais línguas. Monteagudo (2011) a chama de variação diaglössica⁹ e suas variedades de interletos.

Para compreendermos, todavia, como é possível que tantas variedades convivam em um mesmo ambiente, é necessário entendermos a noção de *continuum*. Essas variedades linguísticas, também chamadas letos¹⁰, não apresentam fronteiras ou divisões bem marcadas para que possamos falar, por exemplo, de uma Libras gaúcha sinalizada nas divisas do Rio Grande do Sul totalmente diferente de uma Libras catarinense sinalizada nas divisas de Santa Catarina. Ou de uma Libras formal utilizada em sessões e atos do Poder Judiciário do Rio de Janeiro e de outra utilizada por um grupo de amigos do subúrbio carioca. Ou ainda de uma Libras sinalizada por idosos maiores de 80 anos e outra sinalizada por crianças em uma mesma localidade.

As variedades se organizam em *continua* letais. Desse modo, conforme saímos de Porto Alegre em direção a Florianópolis, é possível acompanharmos as variações diatópicas da Libras ao longo do trajeto. Podemos encontrar um *continuum* também nas variações diafásicas entre a Libras utilizada no Poder Judiciário e uma reunião de amigos Surdos, em que no meio teríamos diversas variedades da Libras, desde aquela utilizada em ambientes e situações mais formais, passando pelos menos formais, menos informais, até os mais informais. Ou ainda é possível identificar e descrever um *continuum* diacrônico da Libras em uma determinada localidade, em que em um extremo estaria a Libras sinalizada pelas pessoas mais idosas e em outro, a Libras sinalizada pelas crianças e no meio, as variedades faladas pelos adolescentes, pelos jovens, pelos adultos de 20 anos, pelos adultos de 30 anos e assim sucessivamente, por

⁹ Não podemos confundir variação diaglössica com diglossia ou relação diglössica entre línguas. A primeira está relacionada às variedades que emergem a partir do contato entre línguas. E a segunda foi um conceito criado por Charles Ferguson, em 1959, para distinguir duas variedades de uma mesma língua com funções sociais distintas, geralmente uma delas no ambiente doméstico e outra nas relações com o Estado. Posteriormente, o conceito de diglossia foi expandido por Joshua Fishman para diferenciar também duas línguas distintas totalmente.

¹⁰ De acordo com Bagno (2017, p. 215), “o termo leto foi proposto por Charles James Bailey para rotular e distinguir variedades linguísticas específicas”. Derivados desse termo, temos cronoletos, variedade de determinado período histórico; dialeto, de determinada região; socioleto, de grupos sociais e interleto, variedade que advém do contato linguístico.

exemplo, até os idosos de mais de 80 anos. É possível, portanto, que tenhamos *continua* de variedades linguísticas da Libras, marcados de acordo com a variação, seja ela diatópica, diastrática, diafásica ou diacrônica¹¹.

Do mesmo modo, para nós, seria possível pensar uma espécie de *continuum* diaglössico¹² entre o Português e a Libras, composto pelo contato do *continuum* da Libras com o *continuum* do Português como pode ser ilustrado na Imagem 1¹³. No meio desse *continuum* de contato estaria uma variedade com características de ambas as línguas. Se analisarmos desse meio em direção a Libras, estariam variedades com menos influência do Português e mais influência da Libras enquanto nesse meio, em direção oposta, aquelas variedades com mais influência do Português e menos influência da Libras¹⁴.

Entretanto, o contato linguístico entre línguas orais e línguas de sinais nem sempre foi visto apenas como variedades e até hoje não há um consenso na área.

Woodward (apud Quinto-Pozos; Adam, 2015, p. 46), na década de 1970, ao analisar o contato entre a língua americana de sinais e o Inglês, defendeu a existência

¹¹ Cabe ressaltar que essas variedades linguísticas não são estanques, mas se sobrepõem entre si. Sendo assim, é possível que haja uma Libras falada por idosos em Porto Alegre e outra distinta falada por jovens na mesma cidade. A noção de *continuum* destaca uma característica proporcionando um recorte da realidade linguística para que uma determinada variedade seja melhor estudada em relação à outra variedade.

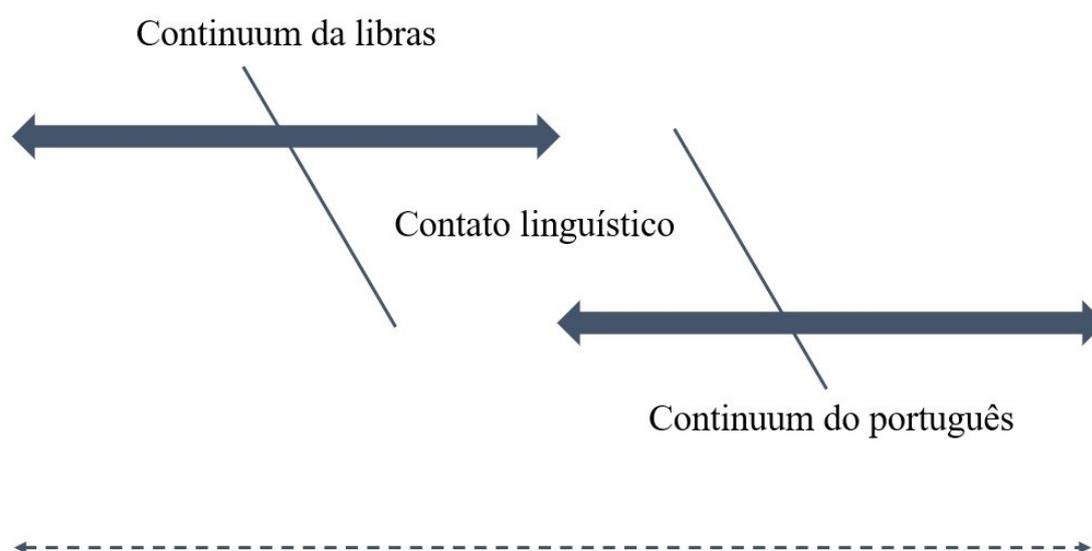
¹² Schermer e Pfau (2016, p. 313-314) criticam a ideia de *continuum* ao pensar o contato entre línguas de sinais e línguas orais, justamente porque ambas as línguas seriam línguas distintas. Eles defendem ser mais apropriado descrever a situação como domínios, com gramática, léxico e grupo de usuários distintos. Haveria, assim, o domínio da língua de sinais e o domínio da língua oral, que, em contato, produziriam uma língua híbrida ou de contato, formando um espectro. Para nós, contudo, tal descrição não contradiz a noção de *continuum*, pois o que propomos é a existência, nessa zona de contato, de um *continuum* de contato entre as duas línguas, com variedades diaglössicas, marcadas por mais e menos contato de uma língua sobre a outra.

¹³ Optamos por dizer *continuum* para destacar a característica, mas nesse *continuum* poderiam estar variedades sobrepostas, compondo um *continuum*, no plural, de variedades de Libras e do Português.

¹⁴ Cabe lembrar que do mesmo modo que um sujeito pode dominar algumas variantes de sua língua, o sujeito Surdo também pode dominar variantes diaglössicas da Libras, com maior ou menor influência do Português.

de um pidgin¹⁵, que chamou de Pidgin Inglês Sinalizado. Tal língua seria caracterizada pela "redução e mistura de estruturas gramaticais de ambas as línguas, bem como algumas novas estruturas que não são comuns a nenhuma das línguas" (tradução nossa) (Woodward *apud* Quinto-Pozos; Adam, 2015, p. 46). O surgimento dessa língua, segundo Woodward teria ocorrido de forma natural visando à comunicação entre Surdos e ouvintes, nos Estados Unidos.

Imagem 1 – Contato linguístico entre a Libras e o Português.



Fonte: elaborada pelo autor a partir de Reagan (2010, p. 8).

Lucas e Valli (1992), no entanto, questionam o alegado pidgin sinalizado, afirmando que ele teria características mais complexas que um pidgin e que não há condições sociais para o desenvolvimento de um pidgin entre comunidades Surdas e ouvintes. Sendo assim, em vez de defenderem a existência de um pidgin sinalizado, Lucas e Valli (1992) preferiram chamar de “sinalização de contato” aquelas variedades sinalizadas que combinam uma língua oral com uma língua de sinais. Para os autores,

¹⁵ Segundo Bagno (2017, p.342), “um pidgin é uma espécie de linguagem nova e inicialmente simples que emerge do contato entre dois ou mais grupos humanos que não compartilham uma mesma língua”. Ao contrário do crioulo, mais complexo, o pidgin não é primeira língua de nenhum indivíduo.

embora a sinalização de contato resulte da mistura de duas línguas, ela pode ocorrer entre usuários fluentes da língua de sinais e ser usada em diversas situações. Isso tem pouco em comum com situações em que falantes de línguas diferentes se reúnem e tentam usar outra língua para se comunicar para fins comerciais (como ocorre com os pidgins). (O suposto pidgin sinalizado) também possui algumas características únicas que o distinguem dos pidgins de línguas orais, como o uso de datilologia e *mouthing* (*apud* Johnston; Schembri, 2007, p. 41, tradução nossa).

Além disso, o que ocorre com o pidgin sinalizado é oposto do que ocorre com os demais pidgins existentes advindos do contato de línguas orais. Enquanto no pidgin sinalizado o vocabulário advém do substrato (a língua dominada, no caso, a língua de sinais), e a gramática advém do superestrato (a língua dominante, no caso, a língua oral), nos pidgins orais é exatamente o contrário, o vocabulário tende a advir do superestrato, enquanto a gramática frequentemente tem caráter difuso advindo tanto do substrato quanto do superestrato¹⁶ (ver mais em Holm, 2000; Johnston; Schembri, 2007).

Já Matras (2009, p. 312-331), nos apresenta uma outra categoria linguística relacionada ao contato, que talvez pudesse enquadrar o fenômeno: as línguas mistas. Embora não haja ainda um consenso sobre o que seriam essas línguas, o autor afirma que seriam consideradas línguas mistas “na medida em que sua filiação genética não pode ser atribuída a apenas uma linhagem particular, enquanto a ausência de processos de simplificação como parte de sua gênese as torna distintas dos pidgins e crioulos” (tradução nossa) (Matras, 2009, p. 313).

Independentemente da definição que se dê ao fenômeno, o importante é compreendermos que existe um ambiente linguístico complexo, com comunidade(s)

¹⁶ As línguas de sinais têm desafiado princípios da linguística historicamente estabelecidos como o da arbitrariedade. Saussure (2006 [1916], p. 81-84) estabeleceu que todo signo linguístico era necessariamente arbitrário, e socialmente, convencionado, com raras exceções. Contudo, anos mais tarde se percebeu que tal regra não se aplicava às línguas de sinais, que detinham uma quantidade considerável de signo icônicos, em oposição às línguas orais. Talvez o contato entre línguas de sinais e línguas orais também possa desafiar a teoria crioulista atual e propor novos paradigmas.

Surda(s) bilíngue(s), com Surdos com diferentes graus de fluência na língua de sinais e na língua oral convivendo com ouvintes também com diferentes graus de fluência nesses dois tipos de línguas. Por conta disso, temos um ambiente com contato intenso entre línguas de sinais e línguas orais, em que a língua oral mantém seu *status*, o que favorece a emergência de variedades linguísticas diaglósicas apropriadas para diferentes situações sociais e para os diferentes sinalizantes e seus interlocutores.

Johnston e Schembri (2007, p. 42) adaptando ideias de Lucas e Valli (1992) demonstram a existência de algumas dessas variedades diaglósicas utilizadas pela comunidade Surda australiana e nos apresentam um quadro comparativo entre elas.

Quadro 1 – Características de diferentes variedades sinalizadas usadas pela comunidade Surda australiana.

| | Língua de sinais | Sinalização de contato | Sinalização na língua oral | Língua oral sinalizada |
|---------------------|--|---|---|---|
| Forma lexical | Auslan ¹⁷ e datilologia, com ou sem pronúncia em Inglês | Sinais da Auslan e datilologia com pronúncia do Inglês | Sinais da Auslan e datilologia com pronúncia do Inglês | Alguns sinais da Auslan e alguns sinais inventados, Inglês falado |
| Significado lexical | Auslan | Auslan, Inglês, idiossincrático | Inglês, mas com influências da Auslan | Inglês, às vezes em conflito com sentidos da Auslan |
| Morfologia | Modificações de sinais da Auslan e expressões não manuais | Modificações da Auslan reduzidas e terminações em Inglês, poucas expressões não manuais | Datilologia para morfemas e itens gramaticais do Inglês | Datilologia para sufixos do Inglês e sinais inventados para itens gramaticais do Inglês |
| Sintaxe | Ordem sintática da Auslan, uso do espaço e expressões não manuais. | Ordem sintática simplificada do Inglês, menos uso do espaço e de expressões não manuais e alguns padrões idiossincráticos | Ordem sintática do Inglês | Ordem sintática do Inglês |

Fonte: traduzido e adaptado pelo autor a partir de Johnston e Schembri (2007, p. 42), e Lucas e Valli (1992).

¹⁷ Auslan é a língua de sinais nacional da Austrália.

Nesse quadro, podemos identificar *continua* relacionados à forma lexical, ao significado lexical, à morfologia e à sintaxe entre as quatro variedades, em que as da esquerda têm mais influência da língua de sinais, no caso a Auslan, a língua de sinais australiana, e menos influência da língua oral, no caso, o Inglês. Por exemplo, considerando a sintaxe, temos a variedade Auslan com a ordem sintática da língua de sinais australiana, com mais uso do espaço e de expressões faciais e corporais. Depois, seguindo esse *continuum*, temos o que os autores chamam de “sinalização de contato”, com uma ordem sintática simplificada da língua oral com menos uso do espaço e de expressões faciais e corporais e alguns padrões idiossincráticos. Em sequência, temos a “sinalização na língua oral” com ordem sintática da língua oral. E no extremo do *continuum* temos a “língua oral sinalizada” também com ordem sintática da língua oral, no caso, o Inglês Australiano.

Pode ser que essa variação diaglössica ainda não tenha produzido uma mudança linguística para o surgimento de um pidgin ou de uma língua crioula ou de uma língua mista e pode ser que ela nem ocorra, afinal, como nos lembra Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126), “nem toda variação leva à mudança, mas toda mudança pressupõe um período anterior de variação”. Mas a variação é intrínseca às línguas, como vimos, e essa especificamente é perceptível pela(s) comunidade(s) Surda(s) brasileira(s), que inclusive têm se posicionado muitas vezes de forma contrária e preconceituosa a essas variedades diaglössicas.

Tomando duas variedades em contraste para que possamos melhor entender do que estamos falando, no extremo do *continuum* diaglössico mais próximo da Libras, estaria uma variedade mais próxima da Libras pura ou emancipada¹⁸. Já no outro

¹⁸ A denominação Libras pura ou Libras emancipada é observada na(s) comunidade(s) Surda(s) brasileira(s) como forma de representar uma Libras sem influência do Português. A denominação “Libras emancipada” demonstra de certa forma também que o contato com a língua portuguesa faz parte da história do surgimento da Libras, como mencionamos. Dizer que existe uma Libras emancipada, atualmente, pressupõe que a Libras emergiu a partir de um amplo contato com Português, e que, neste momento, se distancia da língua oral, buscando características próprias das línguas de sinais. Já a denominação “Libras pura” demonstra uma falsa impressão de que é possível a existência

extremo do *continuum* diaglóstico, mais próximo do Português, estaria aquela variedade denominada português sinalizado.

A existência dessas variedades também se justificaria pela diversidade própria das comunidades Surdas. Como há diversas identidades Surdas, como nos demonstra Perlin (1998), é possível também que existam variedades da Libras que representam essas identidades e todas fazem parte da expressão cultural Surda brasileira. Ann (2001, p. 43) nos apresenta possíveis diferentes perfis de sinalizantes de uma mesma comunidade Surda:

sinalizantes nativos de uma língua de sinais que são fluentes em línguas orais (leitura, escrita e fala);
sinalizantes nativos de uma língua de sinais que leem e escrevem uma língua oral fluentemente, mas não a falam;
sinalizantes nativos de uma língua de sinais que são fluentes em graus variados na leitura e escrita de uma língua oral;
Surdos sinalizantes de uma língua de sinais como segunda língua que leem e escrevem uma língua oral;
sinalizantes de uma língua de sinais como segunda língua que primeiro aprenderam uma versão sinalizada de uma língua oral;
sinalizantes nativos de uma língua de sinais que aprenderam outra língua de sinais como segunda língua;
sinalizantes de uma língua de sinais como primeira ou segunda língua que falam uma língua oral (Ann, 2001, p. 43, tradução nossa).

Com diferentes perfis de sinalizantes, é compreensível, então, que tenhamos variedades de línguas de sinais. O objetivo final deste artigo, assim, é apontar diferenças desses sistemas linguísticos presentes no *continuum* diaglóstico que se apresenta no contato entre a Libras e a língua portuguesa.

Retornando à tensão e por que não dizer disputa entre essas duas variedades na(s) comunidade(s) Surda(s) brasileira(s), Rodrigues e Silva (2017, p. 690) afirmam

de uma língua pura, sem intervenção de outra. Contudo, tal denominação demonstra também a ideologia de alguns grupos de defender uma Libras sem intervenção da língua portuguesa, que encontra respaldo na luta do povo Surdo para sinalizar, para ter direito de usar sua língua materna sinalizada, perante um longo período de proibição, perseguição e discriminação.

que “apesar dos avanços das pesquisas sociolinguísticas, é comum ouvirmos na comunidade Surda sinalizadores se referirem negativamente a outros sinalizadores que usam uma espécie de Libras misturada com o Português, comumente denominada de Português Sinalizado” e concluem que “muitos sinalizadores dizem ‘isso não é Libras’ ao se depararem com efeitos dialetais”.

De imediato, cabe mencionar que não se trata aqui de desvalorizar ou diminuir uma língua ou variedade perante a outra. Como vimos, a heterogeneidade é a regra da língua e como afirma Rodrigues e Silva (2017, p. 690-691) “se toda língua é constituída de variedades, então entre seus falantes circulam várias gramáticas sendo todas igualmente complexas e completas”. Não há, assim, nada de errado, em Surdos se comunicarem entre si com um português sinalizado e muito menos em ouvintes se comunicarem com Surdos utilizando o Português Sinalizado. Da mesma maneira, não há nada de errado de Surdos e ouvintes se comunicarem com a Libras emancipada. E a existência de variedades diaglóssicas não retira da Libras o *status* de língua independente em relação ao Português.

Estigmatizar variedades linguísticas, infelizmente, é algo comum em diversas sociedades. Geralmente, a variedade mais valorizada é aquela falada na capital do país, nas áreas urbanas, pelos grupos mais escolarizados e pelas elites econômicas. E, conseqüentemente, a variedade mais estigmatizada é aquela das áreas rurais ou das periferias das grandes cidades, falada pela população menos escolarizada e mais pobre.

Com a(s) comunidade(s) Surda(s) no Brasil, estudos têm apontado (Rodrigues; Silva, 2017) que o Português Sinalizado é a variedade padrão sinalizada no Brasil. Para Schermer (2016, p. 280), “a língua padrão é aquela geralmente utilizada no domínio público, a que é utilizada em todos os importantes setores da vida pública, tais como no governo, no judiciário, na educação e na mídia”. E o Português Sinalizado é

justamente a variedade, atualmente¹⁹, empregada na TV, em contextos religiosos e educacionais e é aquela também utilizada por Surdos com mais escolaridade, justamente porque os de maior escolaridade apresentam mais contato com textos em língua portuguesa. Como a escolaridade é um fator de ascensão social na sociedade brasileira como um todo, “percebe-se, então, que o preconceito não se dá somente em relação aos grupos de menor prestígio social, mas também com os que muito ascendem e terminam por distanciarem-se do vernáculo urbano da Libras” (Rodrigues; Silva, 2017, p. 695).

Schermer e Pfau (2016, p. 313) apontam para uma possível relação diglósica entre as variedades diaglósicas da língua de sinais americana em que o Inglês Sinalizado seria utilizado em situações formais, enquanto uma variedade mais próxima da ASL seria utilizada em situações informais. Contudo, Ann (2001, p. 57) citando o trabalho de Lucas e Valli (1992) demonstra que tal distinção, entre situações formais e informais não seria tão bem definida ao descobrirem “que alguns sinalizadores usam a ASL com interlocutores Surdos e ouvintes, e que às vezes os Surdos trocam a ASL pela sinalização de contato na presença de pesquisadores Surdos”. Ou seja, os Surdos estão inseridos em um ambiente complexo, como já dissemos.

Sendo assim, levantamos a possibilidade da existência de variedades diaglósicas estabelecidas em um *continuum* entre a Libras e o português, presentes na(s) comunidade(s) surda(s) do Brasil.

3 Variedades diaglósicas do *continuum* de contato entre Libras e português

Considerando a hipótese de existência de variedades diaglósicas entre a Libras e o português, nós nos perguntamos quais as características linguísticas dessas variedades. Observando membros da(s) comunidade(s) Surda(s) no Brasil e

¹⁹ Como a língua está sempre em transformação, nada impede que a própria variedade padrão sofra transformações, inclusive, podendo dar espaço para que outra variedade assuma a função de padrão.

analisando diversos trabalhos relacionados ao contato entre a Libras e o português como Santos (2019); Gorovitz e Duarte (2020); Rubio e Souza (2021); Monteiro (2021) foi possível elaborar o seguinte quadro. Nele, reunimos algumas características genéricas, morfológicas e sintáticas, em contraste, da variedade mais próxima da Libras emancipada e daquela mais próxima do Português, comumente chamado de Português Sinalizado a partir do *continuum* das variedades diaglössicas por meio do contato Libras/Português. Nele, o símbolo + indica que essa característica é mais frequente, acentuada ou intensa em uma variedade em relação à outra. E o símbolo – indica o contrário, que é menos frequente, acentuada ou intensa.

Quadro 2 – Características contrastivas de variedades diaglössicas da Libras/Português.

| Variedade mais próxima da Libras | Variedade mais próxima do Português |
|----------------------------------|-------------------------------------|
| + Proximidade da Libras | – Proximidade da Libras |
| – Proximidade do Português | + Proximidade do Português |
| + Visualidade | – Visualidade |
| + Simultaneidade | – Simultaneidade |
| – Linearidade | + Linearidade |
| + Incorporação do numeral | – Incorporação do numeral |
| + Incorporação da negação | – Incorporação da negação |
| + Expressões faciais e corporais | – Expressões faciais e corporais |
| + Classificadores | – Classificadores |
| + Soletração rítmica | – Soletração rítmica |
| – Empréstimos do Português | + Empréstimos do Português |
| – Datilologia | + Datilologia |
| – <i>Mouthing</i> (oralização) | + <i>Mouthing</i> (oralização) |
| + Ordem sintática OSV | – Ordem sintática OSV |
| + Construções com topicalização | – Construções com topicalização |
| + Construções com foco | – Construções com foco |
| + Olhar direcional | – Olhar direcional |
| + Construção imagética | – Construção imagética |
| + Utilização dos espaços mentais | – Utilização dos espaços mentais |

Fonte: elaborado pelo autor a partir dos trabalhos mencionados.

Comparando as duas variedades, percebemos que a primeira, a de maior proximidade da Libras, apresenta mais uso da simultaneidade e da espacialidade, o que teoricamente a torna mais visual, enquanto a outra variedade, mais próxima do Português, utilizaria mais a linearidade, própria das línguas orais. Isso ocorre porque a segunda variedade apresenta grande influência da língua portuguesa, utilizando, inclusive, sinais para representar palavras gramaticais como E ou mesmo sinais pronominais para indicar as pessoas do discurso, que na outra variedade poderiam ser ocultos ou mesmo substituídos pelo olhar direcional.

Ao explorar mais o espaço, a variedade mais próxima da Libras faz mais uso da ordem sintática OSV (Objeto – Sujeito – Verbo) em comparação com a outra variedade, sobretudo a fim de localizar o objeto na cena ou no cenário do discurso. Por exemplo, enquanto o sinalizante da variedade mais próxima do Português diz: EU – IR – CASA, o da variedade mais próxima da Libras, primeiro vai localizar o objeto da sentença no espaço e assim dizer: CASA – EU – IR.

Ainda sob o aspecto sintático, observamos também, na variedade mais próxima da Libras, um uso maior da topicalização e do foco. Ambos os recursos funcionam como marcadores textuais para dar ênfase a algum elemento da sentença. A topicalização retoma algum assunto do discurso ao deslocar o item lexical para o início da sentença e é caracterizada pela expressão não-manual de elevação das sobrancelhas, além de uma pequena pausa entre o elemento topicalizado e o restante da sentença. Já o foco introduz no discurso uma informação nova, como por exemplo, no diálogo: “MARIA COMPROU CARRO e se essa informação está equivocada, o falante/sinalizante seguinte pode fazer uma retificação: NÃO, PAULO COMPROU CARRO. Paulo aqui será o foco” (Quadros; Pizzio; Rezende, 2008). O foco tem como marcação não-manual a movimentação da cabeça para baixo e para cima, podendo ainda ter o elemento do foco repetido ao final da sentença.

A variedade mais próxima da Libras faz também amplo uso de espaços mentais que organizarão sintaticamente a frase. De acordo com Lôbo (2014, p. 3), os espaços

mentais “consistem em estratégias para inserir algo ou alguém no texto em LIBRAS. São mecanismos que servem para se referir e para mostrar ao interlocutor a que ou a quem o seu discurso se refere”. As línguas de sinais podem apresentar três tipos desses espaços: o real, o token e o sub-rogado, podendo inclusive utilizá-los combinando-os em um mesmo discurso.

O espaço mental real é aquele que utiliza como referência a realidade, podendo fazer uso do apontamento para retomar o referente ou mesmo indicá-lo com base nessa realidade. Já o espaço token é aquele que utiliza o espaço neutro para posicionar os sujeitos do discurso, por exemplo, para o sujeito 1 é designado o espaço à direita e para o sujeito 2, o espaço à esquerda. Para a retomada desses sujeitos durante o discurso, por meio de uma anáfora, bastaria, assim, o apontamento para o espaço neutro à direita ou para a esquerda.

O espaço sub-rogado é aquele relacionado à incorporação, quando o sujeito sinalizante assume a posição de sujeito do discurso de quem se fala. Diferentemente do espaço neutro, o sub-rogado demonstra a posição assumida por meio da expressão corporal do sujeito do discurso ou por meio de um leve deslocamento no espaço, seja por um passo para o lado ou ainda inclinando o corpo, por exemplo, ao inclinar o corpo para a direita significa que o sujeito sinalizante assumiu a posição do sujeito 1 do discurso, enquanto ao inclinar para a esquerda, assumiu a posição de sujeito 2.

Oliveira (2023) nos alerta, no entanto, que pelo aspecto visual, no espaço token há um limite de representações, sendo possível no máximo 8 para que a mensagem seja corretamente transmitida e não haja uma confusão entre interlocutores. Já no espaço sub-rogado pode haver até menos. Por isso o sujeito sinalizante acaba utilizando uma combinação desses espaços, o que proporciona um maior número de possibilidades.

Dando continuidade, observamos também que a variedade mais próxima do Português ao apresentar mais marcas de linearidade, faz mais uso de empréstimos da língua portuguesa, da datilologia e do *mouthing*. Datilologia é a forma de soletrar com

os dedos uma palavra ou expressão utilizando um alfabeto na língua oral. É uma estratégia das línguas de sinais bastante utilizada para empréstimos linguísticos de línguas orais ou para se referir a uma palavra na língua oral que se desconhece o léxico na língua de sinais (ver Barbosa da Silva, 2023). Já *mouthing* é justamente a movimentação da boca como se fosse falar a palavra na língua oral correspondente ao sinal na língua de sinais, de forma simultânea.

Além disso, essa variedade, mais próxima do Português, ao utilizar mais a linearidade que a outra fará menos uso de sinais incorporados, sejam eles com numerais ou mesmo com a negação. Na Libras, como sabemos, alguns numerais ou mesmo a negação podem ser incorporados ao substantivo, por exemplo, o numeral TRÊS aos substantivos MESES ou SEMANAS ou mesmo o sinal de NÃO-TER ou NÃO-GOSTAR, formando um sinal apenas. Mas na variedade mais próxima do Português é mais comum o sinalizante realizar um sinal para o numeral ou negação seguido de outro para o substantivo ou o verbo.

Por outro lado, a variedade mais próxima da Libras ao fazer mais uso da simultaneidade utiliza gramaticalmente mais expressões faciais e corporais. Essas expressões podem inclusive, durante o discurso, substituir sinais referentes a pronomes, com um simples levantar de sobrancelha para a direita ou para a esquerda, para retomar uma posição no espaço mental ou mesmo adjetivos. A expressão facial pode ainda caracterizar um substantivo, funcionando como um adjetivo, ou mesmo demonstrar negação, enquanto a expressão corporal pode ainda marcar o tempo verbal como ao inclinar o ombro para trás ao sinalizar para indicar passado. Ou indicando ainda a intensidade, a aprovação ou reprovação do que foi sinalizado, como, por exemplo, quando a negação está indicada não por sinais, mas pela expressão facial de negação, podendo ainda movimentar ou não a cabeça. Por ser mais visual, a variedade próxima da Libras utiliza ainda, com mais frequência, classificadores e podendo ainda transformar completamente sinais datilológicos por meio da soletração rítmica, fazendo inclusive que se perca, com o tempo, a noção etimológica do sinal.

4 Considerações finais

Neste trabalho tentamos realizar alguns apontamentos sociolinguísticos da Libras, com destaque para a variação diaglössica dessa língua de sinais, isto é, aquela intersistêmica, que ocorre quando há maior ou menor influência de uma língua sobre outra. Assim, vimos que, por causa do contato com a Língua Portuguesa, é possível levantar a hipótese de um *continuum* linguístico com variedades de Libras, com maior e menor influência dessa língua oral, em que em um extremo desse *continuum* estaria a variedade mais próxima do que é comumente chamado de Libras emancipada e no outro, a variedade mais próxima do Português, comumente chamada de Português Sinalizado.

Mostramos também que essas variedades da língua de sinais brasileira, ainda pouco estudadas, na(s) comunidade(s) Surda(s) do país, podem sofrer preconceito linguístico e serem discriminadas. Esperamos que este trabalho favoreça o combate a esse falso entendimento de que uma variedade é mais correta que outra. Afinal, todas essas variedades apresentam gramáticas complexas e completas e fazem parte da expressão da(s) cultura(s) e da(s) identidade(s) Surda(s) no Brasil.

Referências

ADAM, R. Language contact and borrowing. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (org.). **Sign language: an international handbook**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2012. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110261325.841>

ANDRADE, W. T. L. **Variação fonológica da Libras: um estudo sociolinguístico de comunidades Surdas da Paraíba**. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6416>.

ANN, J. Bilingualism and language contact. *In*: LUCAS, C. (ed.). **The sociolinguistics of sign languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511612824.005>

BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BARBOSA DA SILVA, D. Contato linguístico e influências de línguas orais na Libras: uma análise a partir do léxico da Língua Brasileira de Sinais. **Revista do GELNE**, v. 25, n. 1, 2023. DOI <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2023v25n1ID31279>

BAYLEY, R.; SCHEMBRI, A. C.; LUCAS, C. Variation and chance in sign languages. *In*: SCHEMBRI, A. C.; LUCAS, C. **Sociolinguistics and deaf communities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781107280298>

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm.

BRITO, K. F. S.; MOREIRA, A. S.; MOREIRA, D. K.; NASCIMENTO, C. B.; AVELAR, T. F. Regionalizações e variações linguísticas existentes na língua brasileira de sinais – Libras. *In*: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63, 2011, Goiânia. **Anais/Resumos da 63ª Reunião Anual da SBPC**. São Paulo: SBPC/UFG, 2011. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/1245.htm>.

DANTAS, C. R. S. **Variações linguísticas em Libras**: um estudo das variações diatópicas das cidades de Macaé e Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos, 2018. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/2018_cristiane_dissertacaopgclLibras_02092019154_2.pdf.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais dos Surdos brasileiros**: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2011.

ESPÍNDOLA, A. J. **Variação linguística na Libras**: estudo de sinais de Porto Velho (RO) e Rio Branco (AC). Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2018. Disponível em: <https://mestradoemletras.unir.br/uploads/91240077/Dissertacoes%20defendidas/Turma%202016/2.%20Amarildo.pdf>.

GESSER, A. **Libras, que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GOMES, J. C. ; VILHALVA, S. **As línguas de sinais indígenas em contextos interculturais**. Curitiba: Editora CRV, 2021.

GOROVITZ, S.; DUARTE, L. R. Uma análise sociolinguística do fenômeno de contato de línguas de code-blending no par linguístico Libras-Português. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, out./dez. 2020. DOI <https://doi.org/10.15210/rle.v23i4.19021>

HOLM, J. **An introduction to pidgins and creoles**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139164153>

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian sign language: an introduction to sign language linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511607479>

LÔBO, P. K. S. K. O uso dos espaços mantais na construção de textos argumentativos em Libras. *In: 25ª Jornada Nacional do GELNE – Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste*, Natal, 2014. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/290.pdf>.

LUCAS, C.; VALLI, C. **Language contact in the American deaf community**. San Diego: CA Academic Press, 1992. DOI <https://doi.org/10.1163/9789004653337>

OLIVEIRA-SILVA, C. M.; CHAVEIRO, N. A influência da língua portuguesa na produção da Libras na perspectiva de translanguagem. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 2, n.2, jul.- dez., 2017. DOI <https://doi.org/10.5216/rs.v2i2.36080>

PERLIN, G. T.T. Identidades Surdas. *In: SKLIAR C. (org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

MASSONE, M. I.; MARTÍNEZ, R. A. Argentine Sign Language. *In: JEPSEN, J. ; DE CLERCK, G.; LUTALO-KIINGI, S.; MCGREGOR, W. B. (ed.). Sign Languages of the World: A Comparative Handbook*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2015.

MATRAS, Y. **Language contact**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511809873>

MONTEAGUDO, H. Variação e norma linguística: subsídios para uma (re)visão. *In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (org.). Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MONTEIRO, M. S. **A interferência do Português na análise gramatical em Libras**. Curitiba: Appris Editora, 2021.

MORAES, F. F. da S. Variantes geográficas da Libras: análise dos sinais para meses em Goiás e Mato Grosso do Sul. *Revista Sinalizar*, v. 3, n. 2, jul./dez. 2018. DOI <https://doi.org/10.5216/rs.v3i2.55564>

OLIVEIRA, P. C. **Curso de Capacitação de Tradução e Interpretação de Libras e Português (Aula do curso)**. São Paulo: Feneis, 2023.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUINTO-POZOS, D.; ADAM, R. Sign languages in contact. *In*: SCHEMBRI, A. C.; LUCAS, C. **Sociolinguistics and deaf communities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781107280298.003>

REAGAN, T. G. **Language policy and planning for sign languages**. Washington: Gallaudet University Press, 2010.

ROCHA, M. S. **O INES e a Educação de Surdos no Brasil: Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. Rio de Janeiro: INES, 2008.

RODRIGUES, A.; SILVA, A. A. Reflexões sociolinguísticas sobre a Libras (Língua Brasileira de Sinais). *Estudos Linguísticos*, v. 46 (2), São Paulo, 2017. DOI <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1673>

RUBIO, C. F.; SOUZA, J. C. Perfil sociolinguístico dos Surdos de São Carlos: o bilinguismo bimodal Libras/língua portuguesa. *Signótica*, v. 33, 2021. DOI <https://doi.org/10.5216/sig.v33.68412>

SANTOS, A. N. M. dos. **A língua brasileira de sinais na educação de Surdos: língua de instrução e disciplina curricular**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-4698288663>

SANTOS, A. N. M.; SOFIATO, C. G. A educação de Surdos no século XIX e circulação da língua de sinais no Imperial Instituto de Surdos-Mudos. *Educação em Revista*, v. 36, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/32635>.

SANTOS, W. J. **Sobre nomes e verbos na interlíngua de Surdos brasileiros**. Curitiba: Editora CRV, 2019. DOI <https://doi.org/10.24824/978854443690.5>

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 [1916].

SCHERMER, T. Language variation and standardization. *In*: BAKER, A.; BOGAERDE, B. V. D.; PFAU, R.; SCHERMER, T. **The linguistics of sign languages: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2016.

SCHERMER, T.; PFAU, R. Language contact and change. *In*: BAKER, A.; BOGAERDE, B. V. D.; PFAU, R.; SCHERMER, T. **The linguistics of sign languages: an introduction**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2016.

SCHMITT, D. **A história da língua de sinais em Santa Catarina: contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de Surdos de 1946 a 2010**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107108>.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 10, 2019. DOI <https://doi.org/10.34117/bjdv5n10-342>

SILVA, R. C. da. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/122823>.

SILVA, S. G. L. Variação sociolinguística: estudo de caso na língua brasileira de sinais. **Revista Línguas & Letras**, v. 15, n. 31, 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10554>.

TEMÓTEO, J. G. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de Surdos do sítio caiçara**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/24131925-Universidade-federal-da-paraiba-centro-de-ciencias-humanas-letras-e-artes-programa-de-pos-graduacao-em-letras-janice-goncalves-temoteo.html>.

XAVIER, A. N. Panorama da variação sociolinguística em línguas sinalizadas. **Claraboia**, v. 12, jul./dez., Jacarezinho, 2019. Disponível em: <https://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/1538>.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WOLL, B.; SUTTON-SPENCE, R.; ELTON, F. Multilingualism: the global approach to sign languages. *In*: LUCAS, C. (ed.). **The sociolinguistics of sign languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511612824.004>